

PIERRE BOURDIEU

Esboço de auto-análise

*Tradução, introdução, cronologia
e notas*

Sergio Miceli



COMPANHIA DAS LETRAS

Não pretendo me sacrificar ao gênero autobiográfico, sobre o qual já falei um bocado como sendo, ao mesmo tempo, convencional e ilusório. Queria apenas tentar reunir e revelar alguns elementos para uma auto-análise. Não escondo minhas apreensões, que vão muito além do temor habitual de ser mal compreendido. Sobretudo por conta da amplitude de meu percurso no espaço social e da incompatibilidade prática entre os mundos sociais que tal percurso conecta sem de fato reconciliá-los, tenho o sentimento de que não posso garantir — longe tampouco de me sentir seguro de chegar a tanto com os instrumentos da sociologia — que o leitor saberá aplicar o olhar adequado, como eu o enxergo, nas experiências aqui evocadas.

Ao adotar o ponto de vista do analista, obrigo-me a reter (e permito-me fazê-lo) todos os traços pertinentes do ponto de vista da sociologia, isto é, necessários à explicação e à compreensão sociológicas, e tão-somente esses traços. Mas, em vez de buscar

produzir assim, como se poderia temer, um efeito de fechamento, ao impor minha interpretação, tenciono desvelar tal experiência, enunciada do modo mais honesto possível, ao confronto crítico, como se fosse qualquer outro objeto. Tenho perfeita consciência de que, se analisados nessa perspectiva e, como convém, segundo o “princípio de caridade”, todos os momentos de minha história, em particular os diferentes partidos assumidos em matéria de pesquisa, podem parecer algo ajustados à sua necessidade sociológica, ou melhor, justificados nesse registro, portanto, como se fossem muito mais racionais, ou, então, mais raciocinados ou mais razoáveis do que de fato o foram, um pouco como se tivessem saído de um projeto consciente de si desde o começo. Ora, eu sei, e não farei nada para escondê-lo, que na realidade fui descobrindo aos poucos os princípios que guiavam minha prática, mesmo no terreno da pesquisa.

Sem ser verdadeiramente inconscientes, minhas “escolhas” manifestavam-se, sobretudo, pelas recusas e pelas antipatias intelectuais com frequência pouco articuladas, e apenas vieram a se exprimir de modo explícito muito mais tarde (por exemplo, a repulsa, bastante profunda, que me inspiravam o culto de Sadé, tão na moda num certo momento, ou a visão à la Bataille ou à la Klossowski das coisas sexuais, só foi desaguar num começo de expressão naquele número de *Actes* consagrado ao “Comércio dos corpos”, em 1994). Talvez porque eu estivesse tão completamente investido no meu trabalho e no grupo que animava, não conseguia olhar em torno. Ou quem sabe porque pensava ter tanto a fazer que não poderia dispor de parte do meu tempo, do qual tinha tanta necessidade, para discutir ou criticar aqueles autores mais destacados entre os que me cercavam, na França e no exterior, tanto em ciências sociais como em filosofia, e pelos quais quase sempre eu não tinha muita consideração. Talvez por ser bastante desajeitado e infeliz nas discussões intelectuais sobre

problemas que não são os meus (guardei uma lembrança algo rarefeita de um encontro com Habermas, aliás muito caloroso, organizado, em Paris, por Dreyfus e Rabinow), tive a propensão de adiantar-me, um pouco no estilo “deixa comigo”, e foi bem aos poucos, e quase sempre de modo retrospectivo, que comecei, principalmente por ocasião de temporadas no estrangeiro, a explicitar minha “diferença” em relação a autores como Habermas, Foucault ou Derrida, a respeito dos quais hoje me perguntam tanto, que eram infinitamente menos presentes e menos importantes em minha pesquisa do que outros como Cicourel, Labov, Darn-ton, Tilly, e outros historiadores, etnólogos ou sociólogos desconhecidos nos píncaros intelectuais e midiáticos. Nesse esforço para explicar-me e compreender-me, poderei doravante apoiar-me nos cacos de objetivação de mim mesmo que fui deixando pelo caminho, ao longo de minha pesquisa, e tentarei aqui aprofundar e ainda sistematizar.

ciais com vistas a reunir os meios de compreender as trajetórias individuais e coletivas (em especial, aquela do grupo de investigação que animei, o Centro de Sociologia Européia) em sintonia com as mudanças das relações de força simbólicas no interior de cada um desses campos e entre eles; e considerar em particular minha trajetória individual, levando em conta o caráter específico da posição do Collège de France; como mostrei no *Homo academicus*,⁵⁹ essa instituição era (sobretudo) um lugar de consagração dos heréticos, que se situava à margem de todos os poderes temporais com impacto sobre a instituição acadêmica. Ainda que tenha sido bem-sucedida no plano simbólico (ao menos no estrangeiro), a revolução levada a cabo sofreu ali uma relativa rebordosa, perceptível no destino do grupo: ele não teria sido tão continuamente exposto a pressões e reações coletivas de defesa no intuito de bloquear sua reprodução “normal”, se não houvesse ameaçado a ordem e as rotinas do campo, tanto por conta da lógica de seu funcionamento como pelo conteúdo de suas produções científicas.

59. *Homo academicus*, Paris, Minuit, 1984.

Este esboço de auto-análise não pode deixar de lado a formação das disposições associadas à posição de origem, das quais se sabe que, em relação aos espaços sociais em cujo interior elas se atualizam, contribuem para determinar as práticas. Não vou me estender muito acerca das feições de minha família. Meu pai, filho de meeiro, que lá pelos trinta anos, ou seja, perto do momento de meu nascimento, tornou-se funcionário dos correios, depois promovido a carteiro-cobrador, exerceu a vida inteira seu ofício de empregado num vilarejo do Béarn particularmente afastado (embora bastante próximo de Pau, a menos de vinte quilômetros, o lugar era desconhecido dos meus colegas de liceu, que faziam gozação a respeito). Penso que minha experiência infantil de trãnsfuga filho de trãnsfuga (o qual creio haver reconhecido no Nizan evocado por Sartre em seu prefácio a *Aden Arabie*⁶⁰) na certa pesou bastante na formação de minhas disposições em relação ao mundo social: muito próximo de meus colegas de es-

60. Jean-Paul Sartre, Prefácio a Paul Nizan, *Aden Arabie*, Paris, Maspero, 1960.

cola primária, filhos de pequenos agricultores, de artesãos ou de comerciantes, com os quais tinha quase tudo em comum, exceto o êxito escolar, que me fazia sobressair um tanto, estava apartado deles por uma espécie de barreira invisível, a qual se exprimia de vez em quando por meio de insultos rituais contra *lous emplegats*, os empregados “de mãos brancas”, mais ou menos como meu pai estivera apartado daqueles camponeses e operários, em meio aos quais ele vivia sua condição de pequeno funcionário pobre. Alojado com a família num apartamento funcional desprovido dos elementos mais rudimentares de conforto (durante longo tempo, íamos buscar água numa fonte pública), ele estava adstrito a horários estafantes, da manhã de segunda à noite de sábado, desde as seis horas da manhã, hora de passagem da viatura postal e da entrega do correio, até o encerramento das contas, já tarde da noite, ainda mais na época dos balanços de final de mês; ele próprio cuidava de seu jardim, comprava e cortava sua madeira, e a menor compra era um verdadeiro negócio, sobre o qual se falava por muitos e muitos dias — um quarto em estilo Lévitán, que havia encomendado em Nay, com minha mãe, quando eu tinha entre oito e nove anos, a pequena bicicleta de vinte francos com que me presentearam, a qual acabou sendo bastante estropiada por uma colega a quem a emprestei, ao projetar-se na parede da igreja, antes mesmo que eu pudesse dar uma volta. Ele se afastara também do pai, de quem gostava muitíssimo, bem como do irmão, que permaneceram na pequena propriedade rural e aos quais ia dar uma ajuda, em todos os grandes piques de trabalho, por ocasião de suas folgas. Dava sinais do quanto sofria por conta dessa situação. Ficava mesmo feliz, acreditado, sempre que podia ajudar os mais desfavorecidos, com quem se sentia à vontade e os quais depositavam nele confiança total; esbaldava-se em distribuir fornadas de gentileza e de paciência, e por vezes, já mais idoso, eu o censurava um pouco, por ajudar

os mais pobres a se desvencilhar das papeladas que lhe entregavam (“*Aquets papès!*”, diziam), pensões de guerra ou por invalidez, formulários, mandatos etc., e lembro-me de ter chorado em diversas ocasiões ao pensar que seu nome, apesar de tantos méritos, não estaria no dicionário. Eu não saberia dizer de que maneira sempre me resenti da evidência de culpabilidade que ele experimentava, inclusive em relação aos camponeses amiúde mais bem-sucedidos, e da qual eu compartilhava, até de modo involuntário, por meio do agravo dos insultos e chacotas agressivas de alguns colegas de escola. Ele me ensinava sem conversa, pela sua atitude por inteiro, a respeitar os “pequenos”, entre os quais se enxergava, e também seus combates (fizera-me escutar o tiro-teio das últimas escaramuças da guerra da Espanha, e quantas vezes não o vi falar, na mescla indecifrável de bearnês, espanhol e francês, com os da *frente popular*, como se lhes chamava, que, derrotados, tiveram de atravessar a fronteira), embora jamais tivesse falado a respeito nesses termos. Votava cravado na esquerda, estava inscrito no sindicato, o que suscitava alguns problemas, naquele mundo rural bastante conservador, em especial por ocasião das greves, e tinha algumas grandes admirações políticas, Robespierre, Jaurès, Léon Blum, Édouard Herriot, encarnações do ideal escolar e republicano, que queria partilhar comigo.

Minha mãe provinha, pelo lado materno, de uma “grande família” camponesa, e teve de enfrentar a vontade dos pais para fazer um casamento percebido como uma aliança desastrosa (meu pai costumava evocar com furor contido sua experiência das diferenças sociais como se afirmavam no microcosmo do vilarejo, e era sempre arredio e desconfiado dos notáveis locais — médicos, brigadeiros da polícia, padre e até professores primários —, que não haviam apoiado seus esforços para me empurrar até o liceu). Ela morava com os pais, num pequeno sobrado, separado da grande casa familiar, o qual sua mãe recebera como dote de

filha mais moça e onde eu nasci. Sucessiva ou simultaneamente serrador de toras de construção, transportador de madeira, revendedor de tecidos, pequeno agricultor — tinha sempre algumas vacas e umas pastagens, afora alguns alqueires de bosque —, meu avô materno, parente pobre de uma “grande família”, tinha uma imensa preocupação de respeitabilidade. Descobri mais tarde, quando ajudei meus pais a reformá-la (apagando assim, com uma espécie de felicidade furiosa que machucava um pouco minha avó, todos os vestígios do passado, pocilga e galinheiro, cabana de madeira que fazia as vezes de banheiro, anexos entupidos de velharias e sobras absurdas de todo tipo e procedência etc.), todas as preciosidades de recuperação e de reciclagem em que meu avô se empenhara para conferir aparência de um baita sobrado, signo pelo qual se reconheciam outrora as grandes famílias, ao que não passava de uma casinha térrea de fazendeiro ou de meeiro, feita essencialmente de uma peça ampla em piso de terra batida e de um “salão” de recepção, reservado para as grandes ocasiões. (Reencontrei na Escola Normal, entre os rapazes encarregados de servir à mesa os alunos que constituíam o núcleo duro da célula comunista em que Althusser gostava de exercer seus talentos de estrategista político, principalmente para se contrapor a certas palavras de ordem lançadas pelos estudantes não comunistas, toda uma “safra” de imigrados bearneses, originários de Lanneplaa, vilarejo de origem de meu avô e de seu pai, que estava em Paris, durante a Comuna, como aprendiz em Sainte-Barbe, decerto, portanto, no começo da fileira de emigração de que provinham nossos “justinhos” — nome dado, a partir do nome de um deles, aos rapazes serventes.) Ele havia transmitido a minha mãe, que lhe era totalmente devotada, sua preocupação de respeitabilidade e seu respeito pelas convenções e pelas conveniências. Ela entrava em conflito com meu pai, de humor mais aguerrido e um tanto anarquista, quando queria me impor,

sem acreditar muito, um mínimo de conformidade de fachada aos costumes locais, sobretudo religiosos, a que eu me recusava (ainda mais porque sentia verdadeiros arrepios de pânico à simples idéia de atravessar toda a igreja, no domingo, para alcançar o banco dos meninos), ou, então, certas particularidades cosméticas ou de indumentária, um avental branco, uma vez, calças compridas, outra (sem falar do repartido impecável que queria fazer a todo custo nos meus cabelos e eu logo desfazia ao sair), particularidades que me davam repulsa pelo fato de me distinguirem dos demais e me deixarem exposto às zombarias. Foi ainda sua veneração por tudo o que se ligasse à lembrança paterna que a incitou a se precipitar, sem se inquietar com o perigo, a fim de prevenir um amigo do pai quando ela soube por intermédio de meu pai, alertado por seus contatos na Resistência, que os alemães viriam buscar um chefe do movimento que estava escondido em sua fazenda. (Muitas vezes durante a guerra de libertação da Argélia, pude ver ações “políticas” similares, que também tinham por princípio motivações inteiramente diversas.) Relatou-me, não faz tanto tempo, rindo bastante (“Uma medalha, para mim, você vai achar graça!”), que o militante clandestino salvo por ela quisera lhe conceder, após a Libertação, uma medalha comemorativa.

Sobretudo talvez pelo olhar dos outros, descobri aos poucos as particularidades de meu habitus, as quais, a exemplo de certa propensão ao orgulho e à ostentação masculinos, um gosto pronunciado pela querela, quase sempre um pouco encenada, a tendência a indignar-se “por ninharias”, hoje me parecem estar ligadas às particularidades culturais de minha região de origem, que fui percebendo e compreendendo melhor por analogia com o que lia a respeito do “temperamento” de minorias culturais ou lingüísticas, como os irlandeses. Foi na verdade bem devagar que compreendi que o fato de algumas de minhas reações mais ba-

nais serem por vezes mal interpretadas talvez se devesse à maneira — o tom, a voz, os gestos, as mímicas etc. — como as exprimia, mescla de timidez agressiva com brutalidade estrondosa, até furiosa, a qual poderia ser tomada como demasiado taxativa, isto é, num certo sentido, levada muito a sério, em contraste marcante com a segurança sobranceira dos parisienses bem-nascidos, diante dos quais poderia sempre ameaçar infundir ares de violência incontrollada e briguenta a transgressões reflexas, e por vezes puramente rituais, das convenções e dos lugares-comuns da rotina universitária ou intelectual.

Ao rever uma fotografia em que eu andava numa rua de Pau, ao lado de meu pai (na época em que os fotógrafos propunham instantâneos aos passantes), com certeza num dia de distribuição de prêmios, repensei a frase que ele me dissera uma vez, quando, ao sair do liceu, contava-lhe um de meus últimos desentendimentos com a administração (eu devia apenas à cumplicidade afetuosa do diretor, Bernard Lamicq, um dos raros se não o único normalista bearnês, que orientou decisivamente minha “carreira”, o fato de livrar-me da expulsão, a poucos meses dos exames finais, por conta de um incidente com um bedel): “*Maynat, qu’as cachaou!*”, “Meu garoto, você tem peito!” (o *cachaou* é o dente grande, o molar, e, por extensão, algo como a capacidade de morder sem soltar, de reter). Ele queria louvar assim a virtude de ser arredo, glorificada pela tradição local, a ponto de enxergá-la como sinal positivo, seja para uma coisa, seja para uma pessoa, numa abordagem difícil ou em fachadas agressivamente defensivas: “*Arissou arissat, castagne lusente*”, “Casca eriçada, castanha brilhante”. (Os casos de minhas pesquisas sobre as Grandes Escolas levaram-me a descobrir que Bernard Lamicq, contemporâneo de Sartre e Aron na Escola Normal, era escarnecido, em companhia de Pierre Vilar, o historiador marxista, ele também procedente das lonjuras da província do Languedoc, num trecho

particularmente cruel de uma das canções rituais no trote dos normalistas, “A queixa do postulante”. E ocorre-me que o mesmo Pierre Vilar, com quem me encontrei logo após a publicação de *Les héritiers*, interpelara-me publicamente a respeito desse livro, no qual, eis a prova do poderio do sistema, ele enxergava uma agressão injustificada contra “a escola libertadora”.)

A experiência do internato desempenhou um papel determinante na formação de minhas disposições; principalmente pelo fato de me inclinar a uma visão realista (flaubertiana) e combativa das relações sociais, a qual, já presente desde a educação de minha infância, contrasta com a visão irênica, moralizante e neutralizada que acaba sendo encorajada, parece-me, pela experiência protegida da existência burguesa (sobretudo quando evitada de religiosidade cristã ou de moralismo). Tal sucedeu em especial por meio da descoberta de uma diferença social, dessa feita invertida, com os cidadãos “burgueses”, bem como pela ruptura entre o mundo violento e rude do internato, terrível escola de realismo social, onde tudo já se faz presente, por conta das necessidades da luta pela vida — o oportunismo, o servilismo, a delação, a traição etc. —, e o mundo da classe, onde imperam valores opostos sob todos os aspectos, o mesmo desses professores, a começar pelas mulheres, os quais propõem um universo de descobertas intelectuais e de relações humanas que se podem dizer encantadas.

A antiga construção do século xvii, gigantesca e carrancuda, com corredores imensos, muros brancos na parte elevada e verde-escuros embaixo, ou escadas de pedra monumentais, desgastadas nos degraus do meio, que nós subíamos de noite, em filas de dois, a caminho do dormitório, não oferecia nada que tivesse nossa medida e não concedia à nossa solidão nenhum recanto,

nenhum refúgio, nenhuma trégua. Tudo isso se mostrava ainda mais palpável no dormitório, alinhamento disciplinar de três fileiras de leitos com roupas de cama iguais, todos visíveis da porta num relance, ou da posição da cabine do vigia, instalada no centro. No inverno, empilhávamos sobre o leito todas as nossas vestes, de noite, para sentir um pouco menos de frio. Os lavatórios, espécie de bacia cinzenta com muitos metros de comprimento, nos quais eu lavava às escondidas, nos períodos de resfriado, meus lenços furados. Eis uma dessas pequenas obsessões cotidianas, dessas preocupações de todos os instantes, que, embora comuns a todos, permanecem completamente incomunicáveis, confinando na solidão e na vergonha dos imprevistos, preenchendo a cabeça das crianças, esses falsos peitudos desarmados, cabeçudos, que vivem às turras e assim amiúde desesperados, em lágrimas, sem ter ninguém a quem se queixar nem ao menos com quem falar. Ou, ainda, os banheiros à moda turca, instalados bem no meio do pátio, de todo modo num lugar que se podia enxergar de qualquer ponto, com as portas de madeira sem tranca por dentro, a pretexto, creio, de impedir que um de nós ali se fechasse para fumar escondido, e sem oferecer nenhuma proteção contra os engraçadinhos que entram de supetão, fingindo não se dar conta do cachecol estirado como lembrete.

Esse universo fadado à rotina e à repetição, que foi na prática toda a minha vida entre 1941 e 1947, não comportava nenhum acontecimento marcante, a não ser os que ele engendrava, por sua própria lógica, como as bagunças que se gosta de designar como “memoráveis”. Ele engolfava todas as nossas existências em suas regularidades monótonas, que não deixam nenhum vestígio, a não ser lampejos de lembranças desconexas, bem como na toada das preocupações e lutas cotidianas, de todos os cálculos, todas as espertezas que era preciso acionar, a cada instante, para obter seu quinhão, conservar seu lugar, defender sua parte

(em especial na mesa de refeições com oito lugares), chegar a tempo, fazer-se respeitar, sempre pronto ao safanão, em suma, sobreviver. Poder-se-á pensar que pinto um quadro mais negro do que devia ser. De fato, quem escreve não sabe mais ou não sabe dizer tudo o que seria preciso para fazer justiça àquele que viveu tais experiências, aos seus desesperos, aos seus rompantes, aos seus desejos de vingança. Para dar uma idéia, ao invocar o Goffman de *Manicômios, prisões e conventos*,⁶¹ eu poderia lembrar que o internato apenas se distingue por diferenças de grau, na série das “instituições totais”, de instâncias como a prisão ou o hospital psiquiátrico, ou, mais próximo ainda, da colônia penitenciária como evocada por Jean Genet em *Le miracle de la rose*.⁶² Mas talvez eu seja mais convincente se disser apenas que me lembro muito bem de haver confiado a um colega da classe preparatória, numa dessas confidências um pouco literárias que se podem trocar entre aspirantes intelectuais, que eu nunca teria filhos, não querendo ser responsável por lançá-los em misérias análogas às que tinha vivenciado (estava então no internato do liceu Louis-le-Grand, infinitamente mais liberal do que aquele que eu conhecera em Pau e, não obstante, onde, decerto por conta de minhas disposições arredias de interno calejado, havia ainda conseguido criar para mim grandes aborrecimentos — podiam-se reconhecer os antigos alunos internos, entre os recém-chegados da província, por essa espécie de desencantamento que também se observa no exército, em meio aos recrutas alistados à força).

Mas essa experiência me parecia algo também incomunicável, no momento exato em que eu a vivia. Lembro que meu pai, por ocasião dos (raros) fins de semana em casa (eu acumulava

61. Erving Goffman, *Asiles*, Paris, Minuit, 1961 [*Manicômios, prisões e conventos*, trad. Dante Moreira Leite, São Paulo, Perspectiva, 1974].

62. Jean Genet, *Le miracle de la rose*, Paris, Gallimard, 1943.

“suspensões” e “reprimendas” — recebi, acredito, mais de trezentas ao longo de minha escolaridade), dizia muitas vezes a minha mãe, que me enchia de perguntas, para que me deixasse tranqüilo, o tempo necessário para que eu me “habitue de novo”. Estava de fato tão bem-adaptado, paradoxalmente, àquele mundo não obstante profundamente detestado, que vislumbrava sem prazer a perspectiva de uma saída e acabara por gostar dos domingos passados no liceu quase deserto, em toda a tranqüilidade (apesar dos vigias empenhados em tirar-me das salas de estudo onde me refugiava para ler). As férias grandes tampouco me alegravam, porque o distanciamento social em que o acesso ao liceu me posicionara me trouxera o enfado e a solidão de uma existência sem trabalhos ou lazeres suscetíveis de ser partilhados com meus antigos colegas da escola local (exceto algumas partidas de futebol, aos domingos, num vilarejo vizinho). O relato dos rolos disciplinares permanecia incompreensível aos olhos de meus pais; a tal ponto eu lhes parecia privilegiado (meu pai havia largado a escola aos catorze anos, e minha mãe, hospedada uma temporada por uma tia em Pau, tinha ficado no colégio até os dezesseis), que eles não podiam deixar de me considerar responsável pelos meus tormentos, ou seja, pelo meu péssimo comportamento, que poderia até ameaçar o êxito de minha façanha, vital e inesperada, de salvação pela escola.

Quantas vezes me perguntei se minhas dificuldades tinham mesmo a ver comigo, com o que desde muito cedo foi chamado de “mau gênio”. Tenho ainda na memória os incidentes que por certo me valeram a inserção para todo o sempre nessa lista, a qual circula entre os auxiliares de ensino e vigias, daqueles voluntariosos que era preciso punir ao primeiro sinal de algazarra. Ficava-se então enredado numa espécie de ciclo: a punição preventiva, individual ou coletiva, engendrando a revolta e a desforra, baunças organizadas com muitos dias de antecedência, provoca-

ções aos vigias, tudo isso suscitando novas punições, ordenadas como represálias, e a decepção desencadeada pela covardia dos que, depois de terem incitado tantas vezes a rebelião, fugiam diante das ameaças de sanções coletivas e instavam o “líder”, confinado em seu orgulho, a “entregar-se”. Não havia solidão maior que a desses momentos. (Reencontrei esse sentimento no navio que nos conduzia para a Argélia, quando pregava aos demais soldados de segunda classe, iletrados de todo o oeste da França, a revolta contra a “pacificação” absurda a que nos destinavam, os quais me diziam, por medo ou por docilidade e não por maldade: “Você vai fazer com que nos matem” ou “Vamos acabar com você”.) Eu tinha onze ou doze anos, ninguém em quem pudesse confiar ou que pudesse apenas compreender. Passava por vezes parte da noite preparando minha defesa para o dia seguinte.

O pessoal incumbido da disciplina naquele pequeno liceu de província recorria quase sempre às sanções coletivas, ameaçando, para sustar uma algazarra, pegar “reféns”, aparentemente designados ao acaso mas na verdade escolhidos em função de seu “histórico” escolar, ou, então, prometendo as piores sanções se os autores de um descalabro notável não se “entregassem” ou não fossem “denunciados” por seus colegas. Horror da injunção: “denuncia a ti mesmo”, ainda mais quando provém de um cúmplice que, diante da ameaça, e do medo que ela suscita, prefere renegar qualquer fidelidade. E a especialidade desse pessoal era desencadear o medo coletivo — como ocorre no exército quando se realiza uma revista e alguém espalha o rumor de que é preciso engraxar também as palmilhas das botas —, com a cumplicidade dos mais dóceis e dos mais apavorados, que fazem circular rumores e ameaças tendentes a obrigar os topetudos a se enquadrar, ou, então, que não se cansam de evocar experiências quase míticas destinadas a alimentar o terror: como, por exemplo, a aparição do superintendente geral, surgindo na calada, de improvi-

so, na entrada do dormitório, com uma dessas frases banais, mas tornadas proverbiais e mil vezes imitadas (“Olha só, olha aí! O pessoal está numa boa!”), que ele pronuncia com voz macia e como que torneada pelo espanto, levando todos os internos a retomar seus lugares, numa revoada, quando todos, pouco antes, estavam dispersos pelo dormitório, aos berros, com o traveseiro na mão. Podem-se imaginar as gratificações que o sadismo desses frustrados guardas de penitenciária podia encontrar no exercício do poder absoluto a eles concedido pela instituição e no servilismo pressuroso que sua posição lhes inculca.

Ao mesmo tempo temeroso e arredio, desarmado e intratável, sempre imerso numa revolta à beira da delinqüência, à qual faltavam apenas as possibilidades e as ocasiões, e, não obstante, sempre pronto a confiar e a desistir da luta, a abandonar as trincheiras da questão de honra, para alcançar a paz, eu vivia minha vida de interno numa espécie de furor obcecado (sem dúvida por conta dessa experiência é que tive condições de me comunicar, a despeito das diferenças de toda ordem, e sem ter de me forçar em nada, passando ao largo de minha idade e de minha condição — talvez com certo exagero, e a ponto de aprovar, como me foi dado a ver, condutas em geral tidas como inteiramente censuráveis —, com o jovem *beur*⁶³ de *La misère du monde* e seu companheiro,⁶⁴ desde logo percebidos no que tinham de desarmado, para lá da aparência de fechamento intratável que decerto teriam mantido diante de outro). Creio que Flaubert não estava de todo errado ao pensar que, como escreve nas *Memórias de um louco*, “aquele que conheceu o internato conhece, aos doze anos, quase tudo da vida”.

63. *Beur*: jovem nascido na França, de família de imigrantes procedentes do Magreb. (N. T.)

64. “L’ordre des choses”, em *La misère du monde*, op. cit., pp. 81-99.

O contraste, imenso, entre o mundo do internato e o mundo, normal, por vezes até excitante, da classe contribuía bastante para redobrar a revolta contra os trotes e as perseguições impostas pelos personagens medíocres que as próprias normas da vida escolar levavam a desprezar. De um lado, o estudo, os internos procedentes da zona rural ou dos pequenos vilarejos dos arredores, que — exceto alguns originais, facilmente suspeitos, naquele universo de masculinidade escarrada, de ser homossexuais — liam *Miroir-Sprint*, *Midi Olympique* ou *J’irai cracher sur vos tombes*, gostavam de falar de meninas ou de rúgbi, copiavam suas dissertações de francês dos veteranos ou de coletâneas de textos corrigidos, preparavam “cópias falsas” para as provas trimestrais de história. De outro, a classe, com os mestres, claro, cujas observações e interpelações mais exigentes — a chamada ao quadro-negro, na aula de matemática — tinham, sobretudo por parte das mulheres, uma espécie de doçura afetuosa, desconhecida no internato, sem falar nos alunos externos, espécies de estrangeiros algo irreais, em sua indumentária afetada, culotes curtos um pouco pesados, ou calças de golfe bem talhadas, que destoavam de nossos uniformes cinzentos, e ainda em suas maneiras e preocupações, as quais evocavam a evidência crua de um mundo inacessível. Lembro-me de um deles, um “refugiado” com sotaque parisiense⁶⁵ que, sempre na primeira fila e desligado por completo de tudo o que o cercava, escrevia poemas. Havia ainda outro, filho de professor primário, o qual atraía perseguições sem que se soubesse se tal ocorria pelo fato de ele ser reconhecido como homossexual ou porque se ausentava regularmente, durante o recreio, para tocar violino. A violência das interações assumia por

65. No original francês, Bourdieu utiliza a expressão “accent pointu”, justamente a que, no sul da França, inclusive no Béarn, designa o sotaque do francês falado pelos parisienses. (N. T.)

vezes a forma de uma espécie de racismo de classe ancorado na aparência física ou no sobrenome. Como o rapaz que se tornou meu principal rival nas classes terminais, filho de uma funcionária nos subúrbios de Pau mas muito próximo, por conta do escotismo, dos filhos de professores primários ou dos médicos da cidade de quem imitava os modos e o sotaque hipercorreto, e magoava-me fundo ao pronunciar meu sobrenome à maneira dos camponeses da região ou ao escarnecer do nome de meu vilarejo, símbolo de todo o atraso rural. (Muito mais tarde, reencontrei na turma preparatória do liceu Louis-le-Grand a mesma fronteira entre os internos, provincianos barbudos com macacões cinzentos amarrados na cintura por um cordão, e os externos parisienses, caracterizados tanto pela elegância burguesa de sua estampa como pelas pretensões literárias de suas produções escolares, desde então concebidas como criações de escritores. Esses traços causavam forte impressão a um professor de francês de modesta origem provinciana, sequioso de reconhecimento intelectual. Pensando nisso, fico chocado com o papel então desempenhado, quer junto aos colegas, quer junto aos professores, pelas aparências físicas e pela indumentária enquanto supostos indicadores de propriedades intelectuais e morais, tanto na vida cotidiana como por ocasião dos exames.)

Compreendi faz pouco tempo que minha ambivalência por demais profunda perante o mundo escolar se enraizava talvez na descoberta de que a exaltação da face diurna e supremamente respeitável da escola apresentava como contrapartida a degradação de seu avesso noturno, afirmada no desprezo dos externos pela cultura do internato e pelas crianças procedentes das pequenas comunas rurais — entre as quais se achavam minhas melhores amigas, forjadas na briga e na folia, filhos de artesãos, de pequenos comerciantes, que fui perdendo logo cedo ao longo do curso e com quem eu tinha em comum, entre outras coisas, o

desconcerto e o desnorteamento experimentados diante de certos fatos culturais (em todos os sentidos) desconhecidos em nossos meios. Prensado entre os dois universos, e seus valores inconciliáveis, e um tanto desgostoso pelo antiintelectualismo repicado pelo machismo debochado e estridente que deliciava meus colegas de internato, muitas vezes eu ficava lendo durante o recreio, em especial aos domingos em tempo de exames, ou, então, jogava pelota basca. E acho que comecei a praticar o rúgbi, ao lado de meus colegas de internato, no intuito de evitar que meu êxito escolar — e a docilidade suspeita que isso parecia supor — acabasse me excluindo da chamada comunidade viril da equipe esportiva, único lugar (diversamente da classe, que divide ao hierarquizar, bem como do internato, que isola ao atomizar) de verdadeira solidariedade, muito mais sólida e direta do que aquela vigente no universo escolar, na luta comum pela vitória, no apoio mútuo em caso de briga, ou na admiração irrestrita pelas façanhas.

Essa experiência dual só podia reforçar o efeito durável de uma defasagem bastante forte entre uma elevada consagração escolar e uma baixa extração social, ou seja, o *habitus clivado*, movido por tensões e contradições. Essa espécie de “coincidência entre contrários” contribui decerto para instituir de modo durável uma relação ambivalente, contraditória, com a instituição escolar, feita de rebelião e submissão, de ruptura e esperança, que talvez esteja na raiz de uma relação consigo igualmente ambivalente e contraditória: como se a certeza de si, ligada ao fato de sentir-se consagrado, fosse corroída, em seu próprio princípio, pela mais radical incerteza quanto à instância de consagração, espécie de mãe malvada, falha e enganosa. De um lado, a docilidade, ou até o empenho e a submissão do bom aluno, sedento de conhecimento e de reconhecimento, que me levava a curvar-me às regras do jogo, e não apenas às técnicas mais tortuosas e

mais fáceis da retórica acadêmica: no liceu Louis-le-Grand, por exemplo, eu me destacava nos concursos de filosofia em que Étienne Borne, um dos representantes reconhecidos do personalismo cristão (com quem tive muitas ocasiões de me desentender mais tarde), concedia quase sempre o primeiro lugar às minhas dissertações; de outro, uma disposição reticente, sobretudo diante do sistema escolar: objeto talvez de um excesso de amor, a *Alma Mater* ambígua suscita uma revolta violenta e persistente, fundada na dívida e na decepção, que se manifesta em toda uma série de crises, em especial por ocasião das competições ou das situações de solenidade acadêmica — discursos na distribuição de prêmios, aulas inaugurais, bancas de tese, defesas de candidaturas —, as quais fazem brotar o ímpeto da dissidência, a tentação de arrebentar o jogo, ao desencadear o mal-estar provocado pela expectativa tacitamente imperativa dos sinais de submissão (o que Spinoza chamava o *obsequium*, o respeito puro pelas formas institucionais que as instituições exigem em primeiro lugar e sobre o qual se costuma dizer, em tom de censura, “isso não custa nada”, e me custa uma fábula). E como deixar de inscrever nessa série a recusa de se submeter ao rito impensável da defesa de tese, que se justificava pela sentença de Kafka: “Não se apresente diante de um tribunal cujo veredicto você não reconhece”?

De um lado, a modéstia — ligada entre outras coisas à insegurança — do *parvenu*⁶⁶ filho de suas obras, o qual, como se diz no mundo do rúgbi, não tem de se violentar para “enfrentar a pedreira” e investir em tarefas obscuras como a fixação de uma folha de codificação ou a realização de uma entrevista o mesmo interesse e a mesma atenção exigidos na construção de um modelo teórico (até teria acreditado nisso se não tivesse visto tantos

sociólogos de extração social ou escolar elevada inventarem todos os jeitos possíveis de fugir às tarefas, tidas como inferiores, que me pareciam exigidas de modo mais imperativo de um pesquisador, ou, então, se não tivesse escutado um jovem iniciante, laureado com títulos nacionais e internacionais, declarar publicamente que estava fora de cogitação que ele próprio viesse a aplicar um questionário, e reiterar essa recusa a se rebaixar sem deixar, no entanto, de ensinar, para grande satisfação de todos, “metodologia” numa das mais prestigiosas instituições universitárias); de outro lado, a altivez, a segurança do “miraculado” propenso a vivenciar a si mesmo como “milagroso” e tendente a desafiar os dominantes em seu próprio terreno (enxergo um exemplo disso no desafio lançado por Heidegger aos kantianos quando ele lhes arranca um dos pedestais do racionalismo ao descobrir a finitude existencial no coração da Estética Transcendental): devo confessar que muitas de minhas escolhas foram determinadas, desde a Escola Normal, por uma forma de aristocratismo, menos arrogante que desesperado, por estar fundado na vergonha retrospectiva de haver sido enredado no jogo do concurso, aliada à reação contra o “bom-mocismo” a que tive de me sujeitar um momento, bem como nessa forma de ódio de si que era para mim o horror do arrivismo pequeno-burguês de alguns de meus colegas, por vezes mais tarde transformados em membros eminentes da hierarquia universitária e encarnações bem-sucedidas do *homo academicus*. (De que maneira eu poderia deixar de me reconhecer em Nietzsche quando quase chega a dizer, em *Ecce Homo*, que sempre só se envolveu com coisas que conhecia a fundo, as quais tivesse vivenciado na pele e, até certo ponto, se confundiam com ele?)

Mas esse habitus clivado, produto de uma “conciliação dos contrários” que induz à “conciliação dos contrários”, só se manifesta com tanta nitidez no estilo próprio de minha pesquisa, no tipo de objetos que me interessam, na minha maneira de abor-

66. *Parvenu*: pessoa que ascendeu na hierarquia social, por conta de seus méritos e empenhos, sem ter, entretanto, as maneiras e os hábitos correlatos a essa nova condição. (N. T.)

dá-los. Penso no fato de investir imensas ambições teóricas em objetos empíricos por vezes triviais à primeira vista (a questão das estruturas da consciência temporal a respeito da relação dos subproletários com o tempo, ou os problemas capitais da estética, em especial da kantiana, no tocante à fotografia), ou, então, de modo mais geral, numa maneira ao mesmo tempo ambiciosa e “modesta” de fazer ciência. Talvez nesse caso o fato de sair das “classes” que alguns gostam de chamar “modestas” proporcione virtudes não ensinadas pelos manuais de metodologia: a ausência de qualquer desprezo pelas minúcias da empiria, a atenção aos objetos humildes, a recusa das rupturas tonitruantes e dos rompantes espetaculares, o aristocratismo da discrição conducente ao desprezo do brio e do brilho recompensados pela instituição escolar e hoje pelos meios de comunicação.

Assumindo o contrapé da retórica da importância pela qual se exprime a altivez filosófica (e a qual eu analisava *in vivo* a propósito do caso-limite dos althusserianos⁶⁷ — nem tão diferente, em termos de uma pragmática sociológica, dos casos Heidegger ou Habermas), foi assim que me empenhei em deixar as contribuições teóricas mais importantes em locuções ou em notas de rodapé ou em engajar minhas preocupações mais abstratas em análises hiperempíricas de objetos socialmente secundários, politicamente insignificantes e intelectualmente desdenhados. O primeiro esboço de toda a teoria posterior — a superação da alternativa entre o objetivismo e o subjetivismo, ou o recurso a con-

67. “Le discours d’importance. Quelques réflexions sociologiques sur ‘Quelques remarques critiques à propos de Lire Le Capital’”, em *Ce que parler veut dire, l’économie des échanges linguistiques*, Paris, Fayard, 1982, pp. 207-26 [A economia das trocas linguísticas. O que falar quer dizer, trad. Sergio Miceli, Mary Amazonas Leite de Barros, Afrânio Catani, Denice Bárbara Catani, Paula Montero e José Carlos Durand, prefácio Sergio Miceli, São Paulo, Edusp, 1996]; reed. em *Langage et pouvoir symbolique*, Paris, Seuil, 2001, pp. 379-98.

ceitos mediadores, como o de disposição — encontra-se exposto num curto prefácio a um livro coletivo sobre um assunto menor, a fotografia;⁶⁸ a noção de habitus está presente, com suas implicações críticas em relação ao estruturalismo, num posfácio a um livro de Panofsky, o qual criei juntando dois textos que haviam sido publicados em separado em inglês e no qual a palavra *habitus* não era sequer pronunciada; uma das minhas críticas mais elaboradas de Foucault destaca-se na nota final do artigo intitulado “Reprodução proibida”, que nenhum filósofo digno do nome se disporia a ler; a crítica do estilo filosófico de Derrida ficou confinada a um pós-escrito de *La distinction* ou numa passagem elíptica das *Méditations pascaliennes*.⁶⁹ Apenas o subtítulo de quando em vez dá uma idéia do móvel teórico dos livros. Semelhante *parti pris* de discrição tem a ver ainda com a visão dupla, desdobrada (e contraditória), que tenho de meu projeto intelectual: por vezes altivo e até um tanto insolente (na lógica: entenda quem puder) e ascético (a verdade faz por merecer a si mesma e *khalepa ta kala*, “as coisas belas são difíceis”), é também prudente e modesto (só adianto minhas conclusões — bem como minhas ambições — ao abrigo de uma investigação precisa e circunstanciada) e, ainda que se abstenha aqui e ali da exibição positivista dos dados e mesmo das provas (não sou muito indulgente com os intermináveis protocolos de experiência que sufocam tantas pesquisas pouco inspiradas), recusa as poses do “estilo grão senhor”, ou melhor, mais simplesmente, o aguilhão teórico que incita tantos filósofos e até sociólogos (os que agradam de cara aos filósofos) a pensar acima de seus meios filosóficos.

68. *Un art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie*, Paris, Minuit, 1965 (com Luc Boltanski, Robert Castel e Jean-Claude Chamboredon).

69. *Méditations pascaliennes*, Paris, Seuil (Col. Liber), 1997 [Meditações pascalianas, trad. Sergio Miceli, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001].

Assim, desde o início tomei o partido, em meu ensino na Escola de Altos Estudos e em seguida no Collège de France, de reivindicar uma recusa deliberada e decidida de todas as formas de happening, as quais, conforme o modelo da política para alguns, da literatura para outros, eram práticas correntes em certas altas esferas do mundo acadêmico. Lembro-me de ficar sabendo com alguma satisfação que dois jovens alemães, vindos de muito longe para assistir aos seminários que eu havia começado a fazer na Escola de Altos Estudos e para os quais, por um grande mal-entendido, atraía uma boa parte da inteligência ambiciosa — em especial, alguns dos futuros líderes e pensadores de maio de 1968 —, tinham retornado bastante decepcionados pelo caráter morno e um pouco pedestre de meus objetos — histórias de assistentes sociais, de professores primários ou de empregados de escritório — e de meus propósitos a seu respeito, sem abrir quase nenhum espaço a autores ou conceitos engomados, como práxis, hermenêutica ou “agir comunicativo”. Ainda há pouco tempo, tive a oportunidade de trabalhar, segundo um modelo deliberadamente socrático que, eis algo significativo, não foi muito reconhecido pelos seus destinatários, no intuito de decepcionar as expectativas, naturalmente “filosóficas”, de um grupo de normalistas que me convidaram a inaugurar uma série de conferências sobre “o” político e o qual eu desejava remeter, por uma comparação metódica com as relações dos normalistas do passado com a política, a uma reflexão sobre o que sua visão da política devia à sua condição de normalistas num estado particular dos campos intelectual e político.

O mundo intelectual, que se pensa tão profundamente libertado das conveniências e das convenções, sempre me pareceu habitado por conformismos profundos, os quais agiram sobre mim como forças repulsivas. As mesmas disposições reticentes para com arregimentações e conformismos, isto é, para com os que, indo

ao encontro das inclinações de habitus diferentes do meu, mudavam ao ritmo das transformações que conduziram esse mundo inconstante dos encantamentos pela falsa revolução aos desencantamentos de uma verdadeira revolução conservadora, fizeram com que eu me achasse quase sempre em situação de contra-senso ou de contratendência aos modelos e modos dominantes no campo, tanto em minha pesquisa como em minhas tomadas de posição políticas, weberiano ou durkheimiano de modo ostentatório, por exemplo, quando era imperativo ser marxista. Não sendo comunista quando a maioria dos intelectuais o era, nunca me entreguei ao anticomunismo, ao qual eles por vezes se sujeitaram quando deixaram de sê-lo. Isso por vezes me valeu ser designado e denunciado como “neo-stalinista” por pessoas que, em sua maioria, haviam passado pelo Partido Comunista ou pelo maoísmo e, por conta disso, continuam a ilustrar os modos de pensamento e de expressão stalinóides que me levavam a me opor a elas nessa época, como faço ainda hoje.

O sentimento de ambivalência perante o mundo intelectual enraizado nessas disposições constitui o princípio de uma *dupla distância* da qual eu poderia dar inúmeros exemplos: distância do grande jogo do intelectual à francesa com suas petições mundanas, suas manifestações chiques ou seus prefácios para catálogos de artistas, mas também do papel magistral do professor, engajado na circulação circular das bancas de tese e de concurso, nos jogos e móveis de poder em torno da reprodução; distância, em matéria de política e de cultura, do elitismo e do populismo. A tensão entre os contrários, jamais resolvida numa síntese harmoniosa, é particularmente visível na relação com a arte, combinação de uma verdadeira paixão, jamais desmentida, pelas verdadeiras vanguardas (muito mais que pelas transgressões escolarmente programadas do antiacademismo acadêmico) com uma frieza analítica que se afirmou na elaboração do método de in-

terpretação apresentado em *Les règles de l'art*⁷⁰ e se inspira na convicção de que só “o desmonte ímpio da ficção”, de que fala Mallarmé, pode intensificar o prazer do amor pela arte, mesmo que se arrisque a comprometer o culto hölderlino-heideggeriano-blanchotiano do sagrado literário e artístico.

Sem dúvida, essa tensão nunca se revelou a mim de maneira tão dramática como por ocasião da aula inaugural no Collège de France,⁷¹ ou seja, no momento de assumir um papel que eu tinha dificuldade para englobar na idéia que eu fazia de mim. Recusara-me diversas vezes a me candidatar e chegara até a explicar-me, com François Jacob em especial e, em seguida, com meus amigos, a começar por André Miquel, o qual insistia para que eu fosse candidato e a quem eu havia mesmo tentado convencer de que, sendo grandiloquente e profético, aquele que devia se tornar meu concorrente se sairia muito bem no papel, em certo sentido melhor que eu. Essa reticência (a palavra é muito fraca, mas repugnância é muito forte), vinda do mais profundo de mim, termina por me conduzir a toda uma série de atos destinados a romper as amarras, como a subscrição em favor da candidatura de Coluche à eleição presidencial de 1981, ou um artigo em *Actes de la recherche* sobre a alta-costura,⁷² no qual, matando dois coelhos com uma cajadada, cito um artigo de Barthes na revista *Elle* a respeito de Chanel e um bilhete de Chastel no jornal *Le Monde*, verdadeira redação publicitária de uma marca de perfume. A preparação dessa aula levar-me-ia a sentir um concentra-

70. *Les règles de l'art, genèse et structure du champ littéraire*, Paris, Seuil, 1992 [As regras da arte, gênese e estrutura do campo literário, trad. Maria Lúcia Machado, São Paulo, Companhia das Letras, 1996].

71. Ver *Leçon sur la leçon*, Paris, Minuit, 1982 [Lições da aula, trad. Egon de Oliveira Rangel, São Paulo, Ática, 1988]. (N. T.)

72. “Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 1, janeiro de 1975, pp. 7-36 (com Yvette Delsaut).

do de todas as minhas contradições: o sentimento de ser perfeitamente indigno, de não ter nada a dizer que mereça ser dito diante daquele tribunal, na certa o único cujo veredicto reconheço, duplica-se por um sentimento de culpa em relação a meu pai, que acabara de morrer, morte particularmente trágica, como um pobre-diabo, e com quem, no desatino dos momentos de desespero no início dos anos 50, eu insistira para que se ligasse à sua casa, absurdamente situada na beira de uma auto-estrada, encorajando-o e ajudando-o a reformá-la. Embora saiba que ele teria ficado por demais orgulhoso e feliz, estabeleço um liame mágico entre sua morte e esse êxito assim constituído em transgressão-traição. Noites de insônia.

Eu havia acreditado enxergar, enfim, uma saída para a contradição em que me engancha o próprio fato da consagração social, o qual abala minha imagem de mim: tomar como objeto em minha aula o fato de dar uma aula inaugural, de consumir um rito de instituição e assim instaurar uma distância do papel no próprio exercício do papel. Mas subestimara a violência do que, em lugar de um simples discurso ritual, tornava-se uma espécie de “intervenção”, no sentido que lhe conferem os artistas. Descrever o rito na própria consumação do rito equivalia a cometer o barbarismo social por excelência, que consiste em pôr a crença em suspenso, ou pior, em questioná-la e colocá-la em perigo exatamente no momento e no lugar em que seria apropriado celebrá-la e reforçá-la. Descobri, pois, no momento da atuação, na situação, que o que para mim era uma solução psicológica constituía um desafio à ordem simbólica, um ataque à dignidade da instituição, a qual requer silêncio sobre a arbitrariedade do rito institucional em vias de se consumir. A leitura pública desse texto, que, escrito fora daquela situação, deve ser lido tal e qual, sem modificação, perante o corpo de mestres reunidos, Claude Lévi-Strauss, Georges Dumézil, Michel Foucault etc., é uma prova ter-

rível. Alguém me dirá que eu tinha a voz sumida. Esboço um movimento de parada brusca e de ir embora. Jean-Pierre Vernant fica de olhos esbugalhados, ou é assim que o vejo; vou até o fim na corda bamba. Depois, sinto um terrível mal-estar, ligado ao sentimento da gafe, mais que da transgressão. Fico sozinho com dois antigos colegas do liceu de Pau, que nunca mais tinha visto e não reveria: falo a torto e a direito, em meio ao relaxamento que se segue a uma enorme tensão, com o sentimento de ter sempre de pagar um preço muito elevado por tudo. Como se me sentisse obrigado, para livrar-me, a cair numa espécie de esquizofrenia semicontrolada em que, a exemplo do paciente ao comentar o que diz ou o que faz dizendo que diz ou faz outra coisa, comento minha mensagem, o fato de dar uma aula, por outra mensagem, a qual contradiz a primeira, no essencial, ao explicitar tudo o que significa e pressupõe o fato de dar uma aula. Não foi a única vez, em minha vida, que experimentei o sentimento de estar constrangido por uma força superior a fazer algo que me custava muito e cuja necessidade só eu mesmo atinava.

Por que e, acima de tudo, para quem escrevi? Talvez para desencorajar as biografias e os biógrafos, como que revelando, por uma espécie de ponto de honra profissional, as informações que teria gostado de encontrar quando tentava compreender os escritores ou os artistas do passado e tentando prolongar a análise reflexiva além das descobertas genéricas proporcionadas pela própria análise científica — isso sem chegar a me sacrificar à tentação (muito poderosa) de desmentir ou de refutar as deformações e as difamações, de desenganar ou de surpreender. Não posso ignorar as tentativas de objetivação mais ou menos *selvagens* que minhas análises suscitaram, e cuja única justificação era a vontade maledicente de objetivar aquele que objetiva, segundo a lógica pueril do “é aquele que diz que é”: denunciador da glória e das honrarias, ele é ávido por glória e honrarias; desancador dos meios de comunicação, ele é “midiático”; detrator do sistema escolar, ele é submisso às grandezas da Escola, e assim por diante, ao infinito. Em todo caso, posso assegurar, mesmo me arriscando a que me situem como agente empírico, nunca deixei